

"A Política do Revirvalho na Década de 50, em Ílhavo"

COM A P.I.D.E. À MESA...

Nos finais dos anos cinquenta surgiam já claros indícios de esclerose no social-fascista que se seguiu à República de 1910, que indiciava a inevitabilidade do fim do Regime Salazarista:

Em 1957 realizar-se-ia , em Aveiro, o 1º Congresso Republicano .Seguir-se-iam mais dois.

Sinto-me feliz por ter pertencido á Comissão que organizou o terceiro - e nele participei activamente -mas e também , resta comigo a pena inapagável de ter assistido á perda, para sempre , dias antes do seu início ,dessa grande figura – Mário Sacramento -, verdadeira -e única !- alma matter dos mesmos ,o impulsionador e o maior entusiasta, destes « pios» de liberdade «concedidos (!) pelo regime salazarento, tendo-lhes permitido dimensão , alcance , pensamento e ideias , pela primeira vez assumidos em unidade plural ,de uma importância ao tempo transcendente porque vieram demonstrar que , afinal, a Pátria, não estava amorfa e caduca ,amarrada e amordaçada ,e muito menos se revia no regime caduco ,isolado e impotente, imune e surdo aos novos desafios que se punham à sociedade moderna .O regime tinha aberto uma pequena frincha, na porta com que tapava a sua nudez ; e por tão pequena abertura, saíram vozes repetindo incessantemente ,até à exaustão : «O REGIME VAI NÚ ...»

O distrito de Aveiro com profundas ligações, e afirmações, ás nobres tradições democráticas, liberais , tinha ousado levantar a voz.

Circunstâncias várias - não hoje para aqui chamadas - permitiram a ousadia, aproveitada de uma maneira profundamente inteligente por quem já então se distinguia do vulgo, e se afirmava , como uma das mais lúcidas consciências política, referência intelectual e vitalidade cívica ,das mais válidas -e das mais referenciadas – do País .Na teoria e na práxis ,Mário Sacramento era de facto invulgar: um teórico intelectual - nem sempre acessível - mas que se despojava da teoria assumindo a prática revolucionária .Intervindo de facto ,no pensamento e no aconchegamento (real) ás massas trabalhadoras.

As forças oposicionistas de então aglutinavam-se em torno de um denominador comum: promover a queda do regime ,fosse qual fosse o modo, e ou a acção.

Ílhavo não ficaria indiferente aos novos anseios de libertação e, no seu seio, movimentavam-se e organizavam-se, dois grupos de interventores:

Um ligado às estruturas fabris, com mais forte expressão na Fábrica da Vista-Alegre — , então um pousio para funcionários intimamente ligados ao regime, e por isso, meio preferencial para se introduzir a subversão ;mas não se esgotando aí , havia células comunistas inseridas noutras estruturas produtivas.

Alguns pagaram com a perda da liberdade -e com hediondas sevícias - o seu afoito, encerrados nas masmorras da Pide. Na Vila, um ou outro mais radical , eram de fácil e comum reconhecimento , como ligados –ou próximos - ao Partido Comunista.

Salientava-se nesse grupo o José Gouveia -destituído do cargo de funcionário das Finanças e mais do que uma vez preso - ,o Joaquim «Escalda» , e o Zé Mário Bixirão,o Artur Oliveira e o João Teles (do Rio)e o cunhado Ferreira e muitos outros.

Eram rostos conhecidos dos então designados –por uns depreciativamente ,por outros dum modo glorificado – «OS COMUNAS».

Um outro grupo que englobava uma certa camada social já burguesa , com claros tiques advindos de um Republicanismo ainda presente com mais ou menor intensidade, conforme influências advindas de familiares que teriam militado na luta pela implantação e sustentação do Regime de 1910.

A República para lá da sua instabilidade e de alguns erros cometidos ,identificava-se com os mais profundas anseios de uma sociedade libertadora que queria ser democrática. .E a Democracia – incluída como um dos seus princípios básicos - um fazer continuo ,uma insatisfação na procura do cumprimento do sentimento de que todos, independentemente dos seus credos ,cores ou origem ,deverão ter as mesmas oportunidades, era algo que regime Salazarista negava na prática do dia a dia .O estado Corporativo fazia tábua rasa desses anseios, comportando-se e situando-se muito próximo dos regimes fascistas do centro da Europa , por isso, abominável.

Nesse grupo, muito mais exposto, porque entendido pelo regime de menos perigosidade , certamente por uma identificação do mesmo com pessoas «pacíficas» que falavam mais do que intervinham ,directamente :isto é ,eram muito mais apaziguadores do que revolucionárias .Por isso este grupo movimentava-se com muito mais á vontade e com mais liberdade e com menos perigosidade.

O regime cairia por si mesmo. Pensavam estes .Apodreceria. Era uma questão de paciente espera .Como na Monarquia .Por uma transformação vinda do interior por uma exegese de evolução das consciências .Assim pensavam ..e esperavam.

Assisti por dentro -por acompanhar os meus Pais e em especial a minha Mãe - aos mais íntimos pormenores de acção -«revolucionária ?!»- deste grupo .

Poder-se-ia dizer que Julio Calixto , -um ultra - Republicano - herdeiro de um grande nome de seus anteriores que ainda nos tempos da Monarquia já lutavam pela implantação de um regime moderno ,livre ,igual e solidário .Refiro-me a Pedro Calixto ,que sucedeu a João Carlos Gomes na chefia do então «Grupo dos Rotos» assim denominado pelas forças retrógradas (em especial ligadas à Vista Alegre) pela sua identificação com os desprotegidos .

Para lá daquele participava, minha Mãe – que na condição de Mulher desempoeirada ,viva e extremamente inteligente ,presidia, quase por hábito e tradição –a Republica tinha tido importância decisiva na emancipação da mulher -aos Comícios que por todo o distrito se organizavam, em épocas em que a torneira da Liberdade dava uma volta de abertura .Eleições ,datas simbólicas (31 Janeiro ,5 de Outubro etc). Meu Pai ,logicamente também ,mas ,dada a sua condição de funcionário publico ,a necessitar maior resguardo .Acompanhavam-nos o casal drs Amílcar e D Maria Fernandes , o Dr Calixto (médico) . o Fonseca Dias proprietário da Quinta da «Gafanha de Aquém» ,que juntavam outros amigos de Aveiro :Álvaro Neves , Costa e Mello ,Sarabando, e outros assumidos republicanos .

Mário Sacramento , participava neste grupo ,mas não assiduamente .Ideologicamente Mário Sacramento estava muito mais empenhado e comprometido com as ligações assumidas a forças radicais da esquerda comunista .Por isso pagava essa atitude com custos pessoais e familiares, muito maiores e muito penosos. Mas é certo que este grupo de assumidos Republicanos , com certo protagonismo social ,profissional e cívico , era importante para os momentos de maior visibilidade pública.

Há contudo um caso curioso no meio desta actividade feita às claras- escuras : porque as reuniões privadas , quase semanais e de um modo geral em torno de a boa mesa , com inegáveis virtualhas que a paciência ,brio e esmero daquelas donas de casa produzia e apresentava nas mesmas ,justificava a vinda de amigos de muitos lados. De Aveiro ,Águeda ,Sangalhos, Vila da Feira etc , chegavam os «conspiradores» ,sendo apenas tomada certas reservas na habitual dispersão dos automóveis ,acautelando uma identificação por esbirros pidescos .

Ora, nunca se percebeu, como nem porquê ,em determinada altura ter passado a fazer parte do grupo de convívios ,e como uma assiduidade espantosa ,um funcionário dos escritórios da Vista – Alegre, casado com uma senhora de trato e educação espectaculares ,filha de um Juiz de Coimbra ,que contrastava com o marido um adepto da boa comida ,e de muitos e bons copos .E meio imbecil ;clara e indiscutivelmente .

Em qualquer sessão publica eles lá estavam nas primeiras filas ,oferecendo transporte e muitas vezes recebendo –e diga-se bem –o grupo de conjurados republicanos .

Ora após o 25 de Abril deu-se pelo desaparecimento deste casal ,o que intrigou .Mas certeza ,certeza ,do que teria acontecido , não havia nenhuma .Até que...

Um certo dia, pessoa amiga fez-nos chegar às mãos os processos da Pide .O da minha Mãe e meu.

Estupefactos demos pelo facto de que os mesmos, serem -e são porque os guardo religiosamente - quase que integralmente preenchidos por notas informativas do referido – PIDE - «O Tavares Pinto», o execrável bufo. Nos processos , as inúmeras reuniões eram circunstanciadamente referidas ,com citações das afirmações consideradas mais perigosas (!) para o regime ; o bufo foi ao pormenor de chamar a atenção para os livros que eu lia ,para citações dos discursos que fiz em comícios da altura e honra-me com a «promoção» “ a elemento potencialmente perigoso para a Nação” .

Um subversivo activo, muito ligado a M.S – e era verdade ,cansado com os empatas do reviralho e querendo ir mais longe – pois, dizia – e era verdade ,claro - que me era cometida a tarefa de ir entregar papelada ,comunicados, propaganda , etc pela facilidade de ter acesso ao automóvel de meu Pai ,e carta desde logo muito cedo .

Na altura deu para rir ;mas todos, estou certo, ficaram embaçados e embaraçados .Julgo que o facto era ridículo, espantoso ! :afinal tantos anos receando uma PIDE a espreitar ao canto do beco ,e afinal, convivendo ingenuamente com a mesma ,ali no lugar ao nosso lado .

E nunca deu para ninguém se interrogar :

Como é que um funcionário da Vista Alegre exhibia tal impunidade ,mantendo o seu lugar , já que mostrava , até, uma certa imbecilidade para o desempenho do mesmo ,o que era comumente reconhecido na fábrica?

Revolucionários de aviário...

S.F.